

PB2

Pedras no caminho



**A principal
doença que
acomete o
País parece
ser a vocação
absolutista**

A pesar das reformas constitucionais urgentes e necessárias ao País, algumas reações de setores do Congresso, do governo e da sociedade civil têm sido, tanto tipicamente brasileiras, quanto equivocadas. É a velha história: não se pode modernizar o Brasil sem fazer mudanças, mas não se pode castrar privilégios para mudar.

Há dias, respondia a um repórter que perguntava sobre queda de vendas de veículos, lembrando que, se as vendas estão menores, o mercado também chora demais e reage com exagerado pessimismo a todos os fatos econômicos publicados pelos jornais.

Parece que a maioria interpreta o Brasil numa ótica sempre negativa, o que assusta os partidos governistas, assusta também os oposicionistas, como naquela recente guerra entre o PSDB e seus aliados do PFL. Ora, a tradição política brasileira tem sido a de buscar a unidade com os adversários — é muito fácil o acordo com aliados —, desde que haja programas concretos e metas precisas.

Assim, não se entende que, quando o governo mais precisa de amplo apoio partidário para modernizar o País, os aliados se engalfinhem em torno do Plano Plurianual.

Acrescente-se que o Plano prevê investimentos de R\$ 458,9 bilhões a serem aplicados até 1999 para me-

lhorar da infra-estrutura, desenvolvimento da economia, redução das desigualdades sociais e modernização dos serviços públicos. Daquele total, R\$ 140,5 bilhões virão da iniciativa privada nacional, de investidores externos e de outras fontes que querem um Estado menor, mais ágil, e, sobretudo, menos voraz na cobrança de impostos ao capital produtivo.

Claramente, estamos perdendo tempo para decidir nosso futuro — e não temos esse tempo para perder. Num país em que a maioria do povo mal sabe ler e escrever, avançamos pouco no mais necessário: investimentos, empregos, riqueza. Pode-se aceitar que 30 milhões de pessoas produzam US\$ 200 bilhões anuais na economia informal por falta de oportunidades de trabalho, sem pagar impostos que sangram o resto da Nação?

Pode-se aceitar que a reforma tributária seja obstruída, mesmo sendo menos abrangente do que a que se esperava, quando há um rombo potencial que chega aos 5% do Produto Interno Bruto (PIB)?

O momento é de decidir. Afinal, a principal doença que acomete o País, hoje, parece ser a vocação absolutista dos "analistas" e "consultores", o abstracionismo das previsões, do prognóstico pelo prognóstico, da adoção de medidas "drásticas" e "semidrásticas" etc.

No Brasil de hoje, os fatos precisavam ser encarados de frente para não se esmaecer a objetividade, como uma foto fora de foco, ou com imagens justapostas.

Os muitos fatos positivos — abaixo estão alguns exemplos — justificam um maior esforço do Congresso para aprovar as reformas constitucionais, criando alicerces mais sólidos a nossos pés e dando-nos, assim, capacidade de ser mais competitivos.

■ O Brasil tem 645 projetos de investimentos para os próximos cinco anos e que, se concretizados, movimentarão cerca de US\$ 90,5 bilhões, ou 20% do PIB estimados para 1995. Desse total, pelo menos US\$ 24,5 bilhões estão em execução nos setores de energia elétrica, petróleo, petroquímica, transporte, portos, papel, celulose etc. Mas muitos projetos podem ficar na gaveta se as reformas constitucionais não forem implementadas até o começo de 1996.

■ As indústrias automobilísticas instaladas no País aplicarão mais de US\$ 10 bilhões em novos produtos e novas fábricas até o fim do século. Com seu poder multiplicador, já garantem a expansão das siderúrgicas, a Cosipa reservou US\$ 520 milhões até 1988, a Siderúrgica Nacional outros US\$ 1 bilhão e a Usiminas completa um projeto de US\$ 800 milhões, devendo pôr em prática outro de US\$ 500 milhões. Nesses valores, não está nenhum investimento de novas montadoras que anunciam planos para o Brasil.

■ Também graças ao poder das montadoras, que venderam em agosto 33,3% mais veículos que em

julho, o setor de autopeças passará por profundas transformações em volume e qualidade. A produção automobilística brasileira aproximase rapidamente da produção da Inglaterra de 1,6 milhão por ano, e, hoje, suas perspectivas são as melhores do setor em todo o mundo.

■ Segundo relatório sobre competitividade do Fórum Econômico Mundial, com sede em Davos, na Suíça, o Brasil melhora seu nível de competitividade internacional, embora haja longo caminho pela frente.

No entanto, há mais: embora as medidas de restrição ao crédito e a política de juros altos sejam danosas à produção industrial, que acumula queda de 13% ao ano, o Plano Real continua bem, como mostram alguns fatos recentes:

■ Segundo a Fipe, a inflação de agosto foi de 1,43%, devendo chegar a 0,60% em setembro, segundo previsões de técnicos do instituto.

■ Em agosto, em pleno inverno, e mesmo considerando-se que a falta de frio ajudou, foi vendido o incrível total de 200 mil geladeiras, principalmente as de preço menor, um recorde histórico da indústria.

■ O índice previsto para o crescimento do País acaba de ser revisto: dos 5,1% até agora, trabalha-se com a perspectiva bem provável de 5,5%.

■ A indústria de tevês em cores e fornos microondas bateu recordes de vendas em agosto, com aumento de 14,2% sobre julho, no caso das tevês, e de 5,1% no caso dos fornos.

■ Miguel Jorge, jornalista, é vice-presidente de Recursos Humanos e Assuntos Corporativos da Volkswagen do Brasil.